

GUEL, Arraes. **O Auto da Compadecida**. Produções Globo Filmes. São Paulo – SP, 2000. 157 min. DVD vídeo, Português estéreo, Colorido, Formato: 17mm.

O AUTO DA COMPADECIDA: UMA JORNADA PELO SERTÃO PARAIBANO E A JUSTIÇA DIVINA

Gláucia Gisely Freitas de Farias
Universidade Federal de Campina Grande
giselyglauucia@gmail.com

Michelly Galdino Alves
Universidade Federal de Campina Grande
malves2601@gmail.com

Um ícone do cinema nacional, "O Auto da Compadecida", evoca as hilariantes peripécias de João Grilo e Chicó, numa adaptação cinematográfica da brilhante obra teatral de Ariano Suassuna. Situada em uma pequena cidade do sertão nordestino, Taperoá, nos anos de 1930, a trama acompanha a dupla dinâmica em suas artimanhas. Enquanto conseguem um emprego na padaria local, enfrentam as excentricidades do padeiro Eurico e sua esposa Dora, que cuidam melhor da cadela do que dos próprios empregados, provocando a insatisfação de João.

Após o inesperado falecimento da cadela, Chicó e João Grilo são incumbidos de garantir uma bênção para o animal, o que os leva a uma série de confusões com o padre e o bispo local. Paralelamente, o retorno de Rosinha, filha do temido Major Antônio Moraes, desperta o interesse amoroso de Chicó, desencadeando uma série de eventos tumultuados e românticos.

Num embate com o cangaceiro Severino, o plano elaborado por Chicó e João Grilo acaba resultando em tragédias, tais como as mortes do padeiro e sua esposa, do padre, do bispo, do cangaceiro e até do próprio João Grilo, culminando no julgamento celestial dos envolvidos. Esse é o ápice do longa, pois é com a intervenção de Nossa Senhora que João Grilo retorna à vida, encontrando Chicó à beira de enterrá-lo. Juntos, eles seguem em frente; Chicó casa-se com Rosinha, de modo que a dupla torna-se um trio, proporcionando reflexões sobre a natureza da bondade humana. Enquanto isso, João Grilo, jovialmente, entoa melodias em sua gaita, e o casal apaixonado dança de acordo com a melodia.

Este filme é uma obra-prima do cinema nacional que captura magistralmente a essência e a riqueza cultural do Nordeste brasileiro. Esta adaptação cinematográfica da peça teatral de Ariano Suassuna não apenas diverte e encanta, mas também oferece uma poderosa reflexão sobre a vida e a sociedade na região nordestina. Uma das maiores virtudes do filme é sua habilidade de retratar de forma autêntica e vívida o ambiente e os costumes do sertão nordestino dos anos 1930. Desde os cenários áridos e poeirentos até os personagens coloridos e multifacetados, cada elemento contribui para criar uma atmosfera única e imersiva que transporta o espectador para essa época e lugar. Um elemento pontual disso é a trilha sonora, escolhida para aproximar e envolver o espectador à medida que o filme avança.

Além disso, "O Auto da Compadecida" oferece uma visão perspicaz e, muitas vezes, humorística das questões sociais e culturais que permeiam a vida no Nordeste brasileiro, na qual podemos citar o testamento da cachorra beneficiando a igreja, o autoritarismo e

violência por parte do major, e a esperteza de João para evitar passar fome. Sendo assim, é através das aventuras de João Grilo e Chicó que o filme aborda temas como desigualdade social, hipocrisia, corrupção e religiosidade popular, proporcionando uma crítica mordaz e inteligente à sociedade da época.

Outro aspecto que torna este filme tão especial é o seu elenco excepcionalmente talentoso. As performances dos atores, especialmente de João Grilo interpretado por Matheus Nachtergaele e Selton Mello como Chicó, são simplesmente brilhantes, trazendo os personagens à vida de uma forma que é ao mesmo tempo hilariante e comovente. Além disso, a direção habilidosa de Guel Arraes eleva ainda mais a experiência cinematográfica, criando uma obra que é visualmente deslumbrante e artisticamente refinada, indo, portanto, além do que se espera.

Primeiramente, é inegável que o filme recorre a uma série de estereótipos sobre o sertão e o povo nordestino. Personagens como João Grilo e Chicó, embora carismáticos e astutos, reforçam a imagem do nordestino como um indivíduo simplório e trapaceiro. Esses estereótipos, enquanto servem ao propósito humorístico da obra, podem perpetuar visões reducionistas e desatualizadas sobre a cultura e a sociedade nordestina. O filme também aborda questões de submissão e hierarquia social, especialmente na relação entre os personagens e seus patrões. Na padaria, o padeiro é retratado como uma figura autoritária e opressiva, exercendo seu poder sobre os funcionários. Essa dinâmica reflete a realidade de muitos trabalhadores, que enfrentam condições precárias e têm pouca autonomia em seus empregos. Da mesma forma, o Major Antônio Moraes, como representante da elite local, exerce sua autoridade de forma desmedida sobre os habitantes da cidade. Sua presença simboliza não apenas o poder político e econômico, mas também a imposição de valores e normas sociais que perpetuam a desigualdade e a injustiça. Ainda, a retratação do sertão paraibano no filme, ambientado nos anos 1930, não condiz com a realidade atual da região. O sertão evoluiu significativamente desde aquela época, tanto em termos econômicos quanto sociais. A imagem de um lugar árido e repleto de miséria, embora historicamente precisa em certos contextos, não reflete as transformações e avanços que ocorreram nas últimas décadas.

Apesar de seus estereótipos e representações desatualizadas, "O Auto da Compadecida" ainda é uma obra de grande relevância cultural no cenário do cinema brasileiro. Em razão disso, recomendamos a obra pela sua abordagem humorística, suas performances excepcionais e sua capacidade de transmitir mensagens profundas sobre a sociedade e a condição humana. No entanto, é importante assistir com uma consciência crítica com a finalidade ainda de reconhecer suas limitações em termos de representação cultural e social.